



Secretaria de Estado da Educação

CLIPPING

15 a 19 de novembro de 2012



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: ADISC	Editoria: Coluna pelo Estado	Data: 15 e 16/11/2012
Assunto: Democracia escolar		Página: Online



Democracia escolar Pais, estudantes, direção das APPs, professores e servidores dos colégios públicos estaduais estão perto de ter mais voz na administração escolar. O projeto apresentado pelo deputado Gelson Merisio (PSD), que determina consulta à comunidade escolar para a escolha dos diretores das unidades, iniciou o debate sobre o tema na Assembleia Legislativa. A prosta prevê que o nome escolhido pela votação será encaminhado ao governador, a quem caberá a palavra final.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Revista Veja	Editoria: Educação	Data: 18/11/2012
Assunto: O que pensam os professores brasileiros		Página: Online



O QUE PENSAM OS PROFESSORES BRASILEIROS

As pessoas que optam pela carreira de professor não são derrotadas. Pelo contrário, são profundamente idealistas e querem mudar o mundo, mudando a vida de seus alunos, mostra pesquisa em VEJA desta semana

É impressionante como sabemos pouco sobre os principais atores do nosso sistema educacional, os professores. Claro, se você acredita na maioria das notícias e artigos veiculados sobre eles, já deve ter um quadro perfeito formado na cabeça: os professores são desmotivados porque ganham pouco, precisam trabalhar em muitas escolas para conseguir pagar as contas do fim do mês.

O sujeito se torna professor, no Brasil, por falta de opção, já que não consegue entrar em outros cursos superiores. Portanto, já chega à carreira desmotivado, e, ao deparar com o desprezo da sociedade e seus governantes, desiste da profissão e só permanece nela por não ter alternativa. Essa é a versão propalada aos quatro ventos. Mas eu gostaria que você, dileto leitor, considerasse uma hipótese distinta. E para isso não quero usar a minha opinião, mas dar voz aos próprios professores. Os dados que vêm a seguir são extraídos de questionários respondidos por professores da rede pública brasileira, em um caso para compor um “Perfil do Professor Brasileiro” da Unesco, em outro em pesquisa Ibope para a Fundação Victor Civita e, finalmente, na Prova Brasil de 2009 (a última com microdados disponíveis. A íntegra dos três pode ser encontrada em twitter.com/gioschpe).

Começemos pelo início. Não é verdade que os professores caiam de paraquedas na carreira. O acaso motivou a entrada de só 8% dos mestres, e só 2% foi dar aula por não conseguir outro emprego. Sessenta e três por cento dos docentes têm inclusive outros membros da família na profissão. Perguntados sobre a motivação para exercerem a carreira, 53% dizem que é por “amor à profissão” e outros 14% apontam ser para “contribuir para uma sociedade melhor”. Só 15% citam motivos que podem ser interpretados como oportunistas ou indiferentes à função social da profissão (9% mencionam “realização profissional” e 6%, “salário/benefícios oferecidos”). O professor não tem uma má percepção da sua profissão: 81% concordam que são “muito importantes para a sociedade” e 78% dizem ter orgulho de ser professor(a).

As pessoas que optam pela carreira de professor não são derrotadas. Pelo contrário, são profundamente idealistas. Querem mudar o mundo, mudando a vida de seus alunos. Quase três quartos dos professores (72%) acham que uma das finalidades mais importantes da educação é “formar cidadãos conscientes”. Nove entre dez professores concordam que “o professor deve desenvolver a consciência social e política das novas gerações”. Apenas 45% acreditam que “o professor deve evitar toda forma de militância e compromisso ideológico em sala de aula”.

Esse jovem idealista então vai para a universidade estudar pedagogia ou licenciatura na área que lhe interessa (falo sobre esses cursos em breve). Depois começa a trabalhar.

As condições objetivas de sua carreira são satisfatórias. A ideia de que o professor precisa correr de um lado para o outro, acumulando escolas e horas insanas de trabalho, não resiste à apuração dos fatos. Quase seis em cada dez professores (57%) trabalham em apenas uma escola. Em três ou mais escolas,



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

só 6% do total. Um terço dos professores dá até trinta horas de aula por semana. Vinte e oito por cento lecionam quarenta horas (a carga normal do trabalhador brasileiro) e só um quarto dos professores tem jornada acima de quarenta horas por semana. Dois terços dos professores têm estabilidade no emprego - é praticamente impossível demiti-los.

Felizmente, casos de violência na escola são menos comuns do que a leitura de jornais nos faria crer: 10% dos professores se disseram vítimas de agressão física no último ano. Por tudo isso, a sensação geral dos professores com sua carreira é de satisfação. Quase dois terços (63%) estão mais ou igualmente satisfeitos com a profissão quando entrevistados do que no início de sua carreira. O grau de satisfação médio do professor, de zero a 10, é de 7,9. Só 10% dizem querer abandonar a carreira.

Essa satisfação é curiosa, porque os professores estão falhando na sua tarefa mais simples, que é transmitir conhecimentos e desenvolver as capacidades cognitivas de seus alunos. Não sou eu nem os testes nacionais e internacionais de educação que atestamos isso: são os próprios professores. Só 32% deles concordariam em dizer "meus alunos aprendem de fato". Dois terços dos professores admitem que só conseguem desenvolver entre 40% e 80% do conteúdo previsto no ano. Só um terço coloca esse patamar acima de 80%. Sintomaticamente, o questionário do MEC que pergunta sobre esse desempenho nem inclui a possibilidade de o professor ter desenvolvido mais conteúdo que o previsto. O que explica esse insucesso?

Um dos principais vilões é identificado pelos próprios professores: seus cursos universitários. Só 34% dos professores acreditam que sua formação está totalmente adequada à realidade do aluno. Nossas faculdades de formação de professores estão mais preocupadas em agradar ao pendor idealista de seus alunos do que em satisfazer suas necessidades técnicas. São cursos profundamente ideo-logizados e teóricos, descolados da realidade de uma sala de aula média brasileira.

Então se dá o momento-chave para entendermos nosso sistema educacional: o professor sai da universidade, passa em um concurso, chega à sala de aula e, na maioria dos casos, fracassa. Seus alunos não aprendem. Esse professor poderia entrar em crise, poderia buscar ajuda, poderia voltar a estudar, poderia ter planos de apoio de sua Secretaria de Educação. Mas nada disso costuma acontecer, porque não há sanção ao professor ineficaz, nem incentivo ao professor obstinado.

O professor que fracassa continuará recebendo seu salário, pois tem estabilidade. Seguirá, inclusive, sendo promovido, pois na maioria das redes a promoção se dá por tempo de serviço ou titulação, não por mérito. Esse professor não será nem incomodado: um dos pilares de grande parte de nossas redes é a autonomia da escola, a ideia de que ninguém pode dizer ao professor o que ou como ensinar. Pais e alunos tampouco costumam se manifestar: confundem uma escola limpa, bonita, que oferece merenda e uniforme com educação de qualidade. O professor pode até faltar ao trabalho sem medo de sanções. Estudo recente sobre a rede estadual de São Paulo mostrou que o professor médio falta em dezoito dos 200 dias letivos.

É um índice de falta muito superior até mesmo ao dos outros servidores públicos, que já é maior que na iniciativa privada. Depois de uma investigação de meses com o repórter Rafael Foltram junto às secretarias estaduais, descobrimos que há situações muito piores, com faltas entre 11% e 15% dos dias letivos. E isso é certamente uma subestimação, pois a maioria das secretarias não fica sabendo quando um professor se ausenta durante parte de um dia; algumas só são notificadas em faltas de três dias ou mais. O professor deixa de se preocupar em investir em si mesmo: 74% veem TV todos os dias, mas só 12% leem livros de ficção e 17% participam habitualmente de seminários de atualização.

Mesmo nesse sistema tão permissivo e ineficiente, persiste um problema: os professores sabem que seus alunos não estão aprendendo. E é extraordinariamente difícil a qualquer pessoa continuar em uma carreira, indo ao trabalho todos os dias, sabendo-se um fracasso. Muitos profissionais sucumbem à depressão e ao esgotamento. Alguns abandonam a carreira. Mas a maioria resolve essa dissonância cognitiva (eu sou um bom professor, meu aluno não aprende) de duas maneiras: culpando o aluno e redefinindo o "sucesso".



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Alfabetizar e ensinar a tabuada, por exemplo, deixam de ser medições válidas de êxito e passam a ser vistos como “reducionismo”. O importante é a libertação do espírito, e isso qualquer um pode definir da maneira que lhe gerar conforto, no recôndito de sua alma. Já a culpabilização do aluno e de sua família é mais ostensiva. Eis as explicações dos professores para as dificuldades de aprendizagem dos alunos: 94% apontam a “falta de assistência e acompanhamento da família”, 89% citam o “desinteresse e a falta de esforço do aluno” e 84% dizem ser “decorrentes do meio em que o aluno vive”.

Nossos alunos, especialmente os pobres, são massacrados por um mar de descrença e descompromisso do sistema que a sociedade financia para educá-los. Só 7% dos professores acreditam que quase todos os seus alunos entrarão na universidade.

Esses professores criaram uma leitura de mundo à parte e completa para se blindarem contra o próprio insucesso. Qualquer crítica ou cobrança só pode vir de algum celerado que pretende privatizar a escola ou quer “alienar” o alunado. Pesquisas não são confiáveis, números mentem, estatísticas desumanizam: os professores não precisam de ajuda, muito menos de interferência. Segundo eles, o exercício da docência é algo tão particular, hermético e incompreensível que não pode se sujeitar aos métodos investigativos que analisam todas as outras áreas do conhecimento humano: só quem vive a mesma situação é que pode falar alguma coisa.

Na área da saúde, seria ridículo dizer que um pesquisador de laboratório não pode criar um remédio porque nunca atendeu pacientes com aquela doença ou que um médico só poderia realmente tratar do doente se tivesse passado um tempo considerável internado no hospital. Na educação brasileira, o discurso de que os “de fora” não podem se meter é aceito sem hesitação.

É por isso que me parecem disparatadas as iniciativas que querem usar de aumentos orçamentários para “recuperar a dignidade do magistério” ou melhorar a educação dobrando os salários dos profissionais da área. A maioria dos professores não está com a dignidade abalada. Está satisfeita, acomodada.

O professor não se tornará um profissional mais exitoso se não tiver uma profunda melhora de preparo, por mais que seu salário seja aumentado. Se compararmos nosso alto gasto em educação com o baixo resultado que o sistema educacional entrega ao país, o surpreendente é que a autoestima dos educadores esteja tão alta. Ao lidar com o “luto” do nosso insucesso educacional, a maioria dos professores ainda está na fase da negação (a culpa é dos alunos e pais) e raiva (contra o mundo neoliberal, a falta de apoio etc.). Esse mecanismo de defesa tem uma utilidade importante: faz com que o professor possa prosseguir em sua carreira, sem sucumbir ao desespero que fatalmente adviria se percebesse a dimensão de seu insucesso. Mas, para o país, cobra um preço alto.

Primeiro, porque aliena os professores bons e aqueles que ainda não são bons, mas são comprometidos, batalhadores. É difícil visitar uma escola em que não haja uma tensão surda entre a minoria comprometida e a maioria acomodada, e os competentes não querem trabalhar em um ambiente de inércia. A reação histérica de muitos professores à página no Facebook da estudante Isadora Faber (que chegou a ser acusada criminalmente de calúnia e difamação por uma professora, o que levou a menina de 13 anos a ter de prestar depoimento em delegacia) é demonstrativa da total intransigência desses profissionais com qualquer denúncia que abale o status quo. Em segundo lugar, e mais importante, essa resistência impede os próprios professores de procurar as ferramentas que poderiam melhorar o seu desempenho acadêmico. Como sabe qualquer terapeuta, só é possível ajudar quem quer ser ajudado.

A sociedade brasileira não pode retirar os maus professores do cargo, pois a maioria tem estabilidade no emprego. Mas tampouco pode tolerar o seu imobilismo. As mirabolantes e simplistas soluções orçamentárias não resolvem esse problema tão difícil: como fazer que professores dessensibilizados por anos ou décadas de cinismo voltem a ter a esperança e o brilho nos olhos que os fizeram optar por essa linda profissão.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense

Editoria: Artigo

Data: 19/11/2012

Assunto: Homenagem às escolas centenárias

Página: 14

DIÁRIO CATARINENSE

Homenagem às escolas centenárias

O Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE), no ano em que completa 50 anos, vem desenvolvendo diversas ações comemorativas e promove homenagem a todas as escolas com mais de cem anos de atividades educacionais em SC.

Ao prestar esta homenagem, o CEE reconhece o trabalho e a dedicação de pessoas e instituições que, ao longo de sua existência, deixaram sua marca na formação de milhares de cidadãos catarinenses que ali realizaram seus estudos e desenvolveram suas potencialidades.

A educação precisa dessas referências para suplantar suas dificuldades e transformar uma sociedade que vivencia imensos desafios.

O Brasil, a despeito de seus 512 anos de existência, é um país jovem. Constatar que muitas instituições de ensino catarinenses estão fazendo história e transformando várias gerações representa a certeza de que, quando se tem amor e dedicação a uma causa tão nobre como a educação, é possível superar as dificuldades.



MAURÍCIO FERNANDES PEREIRA

Presidente do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina



OSVALDIR RAMOS

Conselheiro e presidente da Comissão de Planejamento do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina

Desejamos que a coragem e a abnegação de todos os dirigentes que constituíram estas escolas e dos que delas fizeram uma referência de perseverança possam estimular toda a sociedade educacional do Estado, no sentido de não somente perpetuar estas instituições, mas, fundamentalmente, oferecer apoio e solidariedade para que continuem na busca do desenvolvimento de uma educação de qualidade.

A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), quando da análise do sistema educacional catarinense, qualifica claramente esse segmento escolar

como de vital importância para a construção da oferta de uma educação de qualidade e transformadora.

Por isso, convidamos a todos para a solenidade de homenagem às escolas centenárias do Estado de Santa Catarina, hoje, às 19h, na Assembleia Legislativa de SC.

Que a coragem dos dirigentes que constituíram estas escolas e dos que delas fizeram uma referência de perseverança possam estimular toda a sociedade.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Geral	Data: 17/11/2012
Assunto: Simulado online testa candidatos		Página: 25

DIÁRIO CATARINENSE

Simulado online testa candidatos

O primeiro simulado pela internet preparatório para o Vestibular 2013 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) ocorre hoje. O Simulado Online Federal SC é focado em questões de somatórias, características da prova da UFSC.

O candidato tem das 13h30min às 18h30min para responder à prova via internet. Ao ser iniciado, o teste não poderá ser interrompido. A prova contará com 40 questões de matemática, física, química, biologia, gramática, literatura, geografia, história, inglês e espanhol.

Os 10 candidatos de SC e RS – cinco de escolas particulares e cinco de públicas – com as maiores pontuações em menor tempo poderão responder à pergunta “Por que o Simulado Online Federal SC é a sua chance de chegar preparado para o vestibular?”. As três melhores respostas ganham um iPad 3 cada.

O teste é o primeiro de SC a utilizar a plataforma digital. Ele é uma realização do Sistema de Ensino Energia, com promoção da Atlântida FM e apoio da Olé Telecom. Regulamento em www.simuladofederalsc.com.br.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Visor	Data: 18/11/2012
Assunto: Dois pesos		Página: 02

DIÁRIO CATARINENSE

DOIS PESOS

A Gerência Regional de Educação da Grande Florianópolis determinou que a sexta seria um dia letivo normal nas escolas estaduais da região. Mas quando os pais começaram a ligar, preocupados com a segurança dos filhos diante dos ataques a ônibus, descobriram que os funcionários da gerência estavam... de folga.

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Moacir Pereira	Data: 17/11/2012
Assunto: Cem anos		Página: 14

Cem anos

Conselho Estadual de Educação homenageia na segunda-feira, na Assembleia, as escolas centenárias. Entre os particulares, os Colégios Catarinense e Coração de Jesus, da Capital, e Sagrada Família, de Blumenau. Das públicas, a Escola Jerônimo Coelho, de Laguna.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Jornal de Santa Catarina	Editoria: Opinião	Data: 19/11/2012
Assunto: Educação		Página: 02

JORNAL DE
SANTA CATARINA

www.santa.com.br

EDUCAÇÃO

Tenho saudades do tempo em que Professor se escrevia com letra maiúscula. Hoje, infelizmente, os pais ditos “liberais” tentam comprar tudo o que é possível para os seus filhos. Mas esquecem que educação, dignidade, respeito e caráter não podem ser comprados, mas devem ser ensinados em casa. Antigamente, o Professor complementava a educação, pois os alunos tinham respeito.

Róger dos Santos Rosa
Representante - Blumenau



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Diário do Leitor	Data: 16/11/2012
Assunto: Escola		Página: 23

DIÁRIO CATARINENSE

Escola

Não foi nenhuma surpresa para a sociedade a falta de informação sobre a escola que desabou em Palhoça. Por que não encontramos a posição do governo? Ninguém mais fala de um assunto tão grave como esse, pois o foco agora são os incêndios de ônibus.

Cristiane Rodrigues
São José



Veículo: Diário Catarinense	Editoria: Interbairros	Data: 16/11/2012
Assunto: Escola e família: parceria possível e necessária		Página: 03

DIÁRIO CATARINENSE

Escola e família: parceria possível e necessária



EVELISE VIEIRA MELO RODRIGUES

Pedagoga com especialização e mestrado em Psicopedagogia. Coordenadora pedagógica do Colégio Paulo Freire e professora universitária.

As preocupações com as crianças e adolescentes quanto à aprendizagem conceitual, procedimental e atitudinal são inúmeras e afligem famílias e escolas. Compreendendo tais preocupações, bem como que pais e professores têm em comum o objetivo de favorecer a aprendizagem e desenvolvimento saudáveis e efetivos, uma parceria se estabelece. Definir os papéis é um bom começo.

Os pais podem e devem contribuir para um cotidiano pedagógico saudável e produtivo. Mas a proposta pedagógica é de responsabilidade da instituição, bem como a fundamentação que dá suporte à prática. A educação escolar deve ser um ato reflexivo. Educadores planejam, realizam, avaliam, enfim, são as reflexões e ações que permeiam a prática docente. Cabe aos educadores, também, esclarecer à comunidade escolar, em especial às famílias sobre as teorias e os fundamentos que sustentam o fazer pedagógico.

Tudo começa com a escolha da escola e, nesse sentido, alertamos os pais para três aspectos fundamentais: os profissionais, o espaço escolar e o tempo pedagógico. Saber da formação dos professores, compreender como fundamentam seu trabalho e quais embasamentos teóricos e legais asseguram a sua prática docente. Verificar

se a estrutura física está adequada à idade, às necessidades da criança e do adolescente. Entender de que forma o tempo pedagógico está previsto e como são aplicados os planejamentos e os percursos traçados para alcançar os objetivos. Decisão tomada! Resta incentivar e acompanhar.

O processo de aprendizagem é meta da escola e deve ser motivado e valorizado pela família. Buscando fortalecer a parceria família e escola, as turmas de 1º ano do ensino fundamental desenvolveram o projeto sobre as avós.

Cada criança fez sua investigação, entrevistando as avós. Após a coleta de dados, as informações foram socializadas e as crianças decidiram, junto à educadora, convidar as avós para um chá no colégio, para o qual prepararam um delicioso lanche. No dia do chá, as avós trouxeram novidades. Surpreenderam com bonecas e até a foto do vestido de noiva - que a própria avó costurou. Após a despedida, as crianças desenharam gravuras alusivas às descobertas. A coletânea desse projeto resultou na edição do livro Histórias, Receitas e Peripécias da Vovó, lançado em outubro em noite de autógrafos.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Ponto Final	Data: 16/11/2012
Assunto: Educação		Página: 19

Notícias do Dia

Educação

Completando 50 anos de fundação, o Conselho Estadual de Educação promoverá nesta segunda-feira (19) uma solenidade especial, na Assembleia Legislativa, para homenagear as escolas centenárias de Santa Catarina. De Florianópolis: escola Lauro Müller, Colégio Catarinense, Colégio Coração de Jesus e Instituto Estadual de Educação - estão entre as mais antigas do Estado. No total, serão 30 escolas homenageadas.



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Veículo: A Notícia	Editoria: AN.País	Data: 16/11/2012
Assunto: Aberto cadastro no ProUni		Página: 14

ANOTÍCIA

Aberto cadastro no ProUni

O Ministério da Educação (MEC) abre hoje o prazo para as instituições de ensino superior interessadas em aderir ao Programa Universidade para Todos (ProUni). O período de adesão vai até as 23 horas e 59 minutos do dia 5 de dezembro de 2012, exclusivamente por meio do Sistema Informatizado do Prouni (Sisprouni), disponível no <http://prouniportal.mec.gov.br>.

De acordo com a portaria divulgada no "Diário Oficial da União", as instituições devem informar o tipo de bolsas de estudo que pretendem oferecer aos estudantes de baixa renda – integral ou parcial de 50% e 25% - em cursos de graduação e sequenciais de formação específica. O cálculo do valor da bolsa deve incluir, além das mensalidades,

a matrícula e os custos extras, como no caso de estudantes que precisam refazer uma matéria em caso de reprovação. As instituições não podem cobrar taxas na seleção, devendo informar previamente aos estudantes pré-selecionados quanto à sua natureza e critérios de aprovação, que não poderão ser mais rigorosos do que aqueles aplicados aos estudantes selecionados em seus processos seletivos regulares.

De acordo com o MEC, o candidato à bolsa do ProUni não precisa fazer vestibular, nem estar matriculado na instituição em que pretende se inscrever. Entretanto, é facultado às instituições submeterem os candidatos inscritos a um processo seletivo específico, desde que isento de cobrança de taxa.



Veículo: Notícias do Dia

Editoria: Geral

Data: 15/11/2012

Assunto: Bonecas que vêm da África

Página: 19


Notícias do Dia

Bonecas que vêm da África

Abayomi. “São José das Mãos Negras” comemora o mês da Consciência Negra

LETÍCIA MATHIAS

leticiam@noticiasdodia.com.br

 @leticiam_ND

Em meio a nós e retalhos as crianças do terceiro ano do Colégio Estadual Francisco Tolentino, de São José tiveram a oportunidade de aprender e redescobrir novas culturas durante a oficina de Abayomi, boneca de pano artesanal popular na África. A atividade faz parte da programação do mês da Consciência Negra de São José, intitulado “São José das Mãos Negras”, promovido pela Fundação municipal de cultura do município em parceria com o N.A.N (Núcleo de Ato-

res Negros de São José).

Sentados no chão da Academia de Letras de São José, localizada no Centro Histórico, eles se divertiam. A novidade é logo foi aprovada e provocou ainda mais curiosidade nos pequenos. Com dois pedaços de tecido e seis nós a brincadeira estava feita. Olhos atentos prestavam atenção no que a pedagoga e atriz integrante do N.A.N, Julianna Rosa de Souza, ensinava para começar e aproveitar o momento criativo, educativo e lúdico.

Donato Nunes, 9, não havia brincado de

boneca antes, mas achou interessantíssimo, como ele mesmo descreve, fazer algum brinquedo com apenas retalhos de pano. Para a estudante Aline Celestino, 10, que já costumava confeccionar bonecas em casa, o que mais chamou a atenção foi a história e toda a cultura envol-

vida na confecção das Abayomis. “Ela veio da África, é filha de um rei muito especial e tem a cor da noite. É muito mais legal saber disso, vou usar a boneca como chaveiro e fazer outras para dar e brincar com as minhas primas”, relatou.



TRADIÇÃO

Bonecas abayomis são muito populares na África, feitas de nós em retalhos



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Homenagem a Zumbi dos Palmares

O mês da Consciência Negra é comemorado em todo o país em alusão à morte de Zumbi dos Palmares, militante que marcou a história pela luta dos negros no país. No dia 20 de novembro, completa 317 anos da sua morte. Em São José, ao final do século 18, os negros que foram trazidos como escravos chegaram ao município, sendo obrigados a trabalhar, contribuindo para cultura e economia local. Dentre as principais localidades construídas pelos afrodescendentes, destacam-se a Bica da Carioca, a Igreja Matriz, o Theatro Adolpho Mello e a Casa da Câmara.

CULTURA Consciência Negra

O Mês da Consciência Negra de São José promove atividades culturais abertas ao público até dia 5 de dezembro. Na programação estão agendadas oficinas, projeção de filme, exposição de fotos e contação de histórias. O cronograma das atividades pode ser conferido nos sites: www.ctpmsj.sc.gov.br e www.nansaojose.blogspot.com.br. Mais informações pelo telefone (48) 3247-7012.

Presente para ser compartilhado

A palavra *abayomi* é originária da língua Yorubá e significa encontro precioso, ou um presente para ser compartilhado com alguém. As *abayomis* são bonecas muito populares na África, feitas de nós em retalhos. Antigamente eram feitas a partir dos vestidos de mulheres negras, que arrancavam pedaços de suas bainhas e com muitos nós criavam as bonecas para dar de presente às crianças.

Segundo Giselle Corrêa Costa, coordenadora do setor de projetos da Fundação Municipal de Cultura e Turismo, a intenção é despertar essa temática à comunidade e mostrar a importância do negro na formação

cultural do próprio município. “Todos os eventos foram pensados nas áreas de arte e educação justamente para disseminar este conhecimento. Aqui em São José podemos ver a influência dos negros em diversos patrimônios culturais”, afirmou.

Jennifer Soares, 10, gostou mais da praticidade e de poder “trocar os modelitos da boneca”. Ela disse que tem barbies, mas depois da oficina passará a confeccionar as próprias bonecas e justifica: “É mais legal, a gente faz do nosso jeito. Além disso, é bom saber que estamos brincando com o mesmo brinquedo que outras crianças de antigamente conviveram e

criaram junto com as mães”, justificou.

Segundo a professora da oficina com este tipo de evento é possível perceber o quanto ainda falta e é frágil a integração da cultura negra nas escolas. Atividades como essas são fundamentais para que os próprios educadores conheçam melhor e tenham contato com este universo. “Eles aprendem palavras e histórias novas, de um povo diferente e ficam fascinados. As provocações permanecem depois da oficina e, as crianças e professores podem desenvolver trabalhos relacionados a esta temática”, disse Julianna.



Olhos atentos. Alunos do colégio Francisco Tolentino observam como se montam as pequenas bonecas de pano



DIÁRIO CATARINENSE

ENSINO PREJUDICADO

Vistoria determina prazo para solução

Governo tem 20 dias para resolver problemas na Escola Aristiliano Ramos

PABLO GOMES

O governo do Estado recebeu prazo de 20 dias para resolver os problemas que ameaçam a estrutura da Escola de Educação Básica Aristiliano Ramos, localizada em Lages, uma das maiores e mais antigas da Serra Catarinense.

O prédio de 77 anos no Centro não será demolido, como a Defesa Civil havia previsto. Porém, a ordem é clara: todos os riscos devem ser eliminados. A decisão foi tomada ontem, após vistoria pela Defesa Civil, Ministério Público (MP) e Gerência Regional de Educação (Gered).

Na semana passada, o coordenador municipal da Defesa Civil, Cezário Flores, havia dito que recomendaria a demolição do prédio.

Mas após a vistoria, optou-se por um caminho que leve à preservação do local. O Estado deverá providen-



Unidade de 77 anos de Lages é uma das maiores e mais antigas da Serra

ciar a retirada ou reforma do forro e do assoalho do segundo piso, ambos de madeira; do muro que ameaça cair; do sistema elétrico, com fiação exposta e não inadequada; e das duas caixas d'água de 7 mil litros cada.

A gerente regional de Educação, Fátima Ogliari, vai a retirada do ma-

terial escolar que ficou na escola e diz que os 1,3 mil alunos já foram remanejados desde dezembro, quando o prédio foi interditado. A Secretaria do Desenvolvimento Regional (SDR) só vai falar após ser notificada pelo MP.